

A presença do cinema em António Lobo Antunes: filmes, actores, sequências, montagem narrativa e montagem cinematográfica, travellings e zooms narrativos

"Sou excelente (...)em chorar lágrimas de palhaço pobre nos filmes em que a heroína morre após prolongado sofrimento suportado com resignação cristã, maquilhada até ao último suspiro, com uma lágrima

(projector subtil a brilhar na lágrima)

que a pálpebra, corajosa e serena, não permite que caia, enquanto se despede do actor

(lágrima idêntica)

uma dignidade apaixonada e aparentemente cheia de saúde que o baton discreto

(projector subtil no baton)

sublinha. E fecha os olhos sem ajuda rodando ligeiramente o cabelo perfeito no travesseiro engomado enquanto as palavras

The End

Vão aumentando a escarlata, a câmara se afasta até à janela do quarto onde Nova Iorque de noite e eu a fungar no assento à medida que as luzes do cinema se acendem."

Terceiro Livro de Crónicas (O Noivo de Província), p. 48.

“– Se não estava mais em casa, coitado, era porque não podia – explicou a mãe com um sorriso triste, sentada no seu canto do sofá, ao pé da lareira. – Os negócios, sabe-se com é. Mas preocupava-se imenso com a educação dos pequenos: dia sim dia não telefonava.

– Morreu em Aveiro, não sei acrescentar muito mais – **vociferou o rapaz dos holofotes, com as mãos em concha dos lados da boca.** – A minha mãe tornou a casar com um amigo comum, foram viver para a Suíça, os meus avós do lado dela tomaram conta de nós. Parece que mora em Lausanne, sozinha, com um cão. De tempos a tempos manda-me uma caixa de chocolates com recheio, e eu ofereço-os ao porteiro diabético que se pela por doces.

– *Ver o mar?* – **disse a Marília.** – *Eu vejo a Rua Azedo Gneco todas as manhãs, o cheiro de cadáveres dos caixotes do lixo escondidos atrás dos carros, de que as camionetas se esqueceram.*

– Está? – perguntou a vizinha microscopicamente autoritária do pai. – Que nota teve ele em Matemática?

– Não adianta – avisou a Tucha –, os teus argumentos não me interessam.

– Se vier uma negativa em Geografia – ordenou a vizinha – proibição de cinema três domingos seguidos.

Pensa, De onde é que nos telefonavas, pai? Hamburgo, Paris, Londres, grandes cidades desconhecidas sob a chuva? De um quarto de hotel, copo de uísque na mão, uma rapariga de casaco de peles, parecida com as atrizes de cinema das pastilhas, sentada numa cadeira, à espera?” (Explicação dos Pássaros, p. 43)

“Pensa Que bonita que estavas nessa tarde, caramba.

– Suma-se da minha vista, seu estupor – sibilou ela a apontar com o dedo as áleas confusas de plantas, os caixilhos pintados de branco, a distância ensaibrada e os seus arbustos lanzudos e húmidos. – Suma-se da minha vista antes que eu mude de ideias.

A Dona Sara guardou as notas no lenço, voltou-lhe as costas e caminhou a chinelar para a porta, arrastando a custo as pernas esqueléticas. Já com a mão no puxador fitou-o do umbral numa careta avinagrada:

– Queria avisá-lo que não permito visitas.

– Que grande filha da puta, a tua ex – disse a Marília enquanto a cinza interminável do cigarro lhe tombava e se desfazia no colo. Do andar de cima da Rua Azedo Gneco alguém (uma voz de homem) gritava frases indistintas para a rua. – Se vocês estavam no ranço o que é o desgraçado havia de fazer?

Pensa Se a Tucha é filha da puta não serei eu tão filho da puta como ela?, enquanto o público aplaudia o brinde aos Preservativos Donald, e o velho depenava o torresmo do pardal antes de o introduzir amorosamente entre as duas metades de um pão:

– És servido? – perguntou o pai.

– Seja a que horas for, entende? – repetiu a Dona Sara a remexer no alfinete com os dedos demasiado brancos e magros, agitados por uma aflição constante. (Deves ter a tensão alta, pensei eu, a tensão alta, e diabetes, e ureia, e bicos de papagaio e a doença de S. Vito.) – *Visitas, nem cheirá-las.*

Os chinelos dela afastaram-se pelo corredor, uns gargarejos chocos no sótão entoando uma ária. A Marília enxotou a cinza da saia para o chão, sacudindo-se com uma biografia de Antonioni, e eu pensei Se sou filho da puta porque caneco estás aqui comigo?

– Sempre que há sarilhos ficas mais apático do que um boi de louça – recriminou-o a Tucha descendo rapidamente o Parque para o metropolitano do Marquês de Pombal.” (Explicação dos Pássaros, p. 222)

uma multidão de gente trotava, na arena, para o animal aprisionado que procurava ainda um corpo qualquer que lhe fugia, um trapo vermelho que se lhe escapava, as botas que lhe pontapeavam os testículos, que lhe pontapeavam o pénis. Um primo da minha mulher, de chapéu na cabeça, esmurrava-lhe a testa, a garupa, os flancos, o lombo, abria a navalha, espetava a lâmina no corpo escuro do bicho, retirava-a, espetava outra vez num movimento ritmado de ferreiro. *O genro agarrou numa faca e apunhalou o velho num dos ombros, o meu pai aplaudia, a filha tirou-me a seringa das mãos e cravou-a com toda a força no pescoço do doente, um dos perdigueiros uivou angustiado na sala, o chefe de estação enterrou-lhe a chave de parafusos no umbigo, o touro, vomitando sangue por dezenas de bocas, tentava escapar das cordas, das facas, das navalhas, das foices, submergia-se sob metais rápidos que luziam, sob gritos, sob berros, sob as*

gargalhadas, sob os arrotos e guinchos de triunfo, ajoelhou, *tombou de lado e o neto pequeno decepou-lhe uma das orelhas com a tesoura da mãe e mostrou-a à praça que lhe acenava os lenços, os bonés, os chapeirões de palha. Está morto, disse eu à família a compor a gola do pijama do velho, a arrecadar os instrumentos, a preparar-me para abandonar o quarto, descer as escadas, enfrentar os perdigueiros, tornar a Reguengos na ambulância do hospital. Está morto, disse eu, arrastem-no da arena pelos cabos que lhe seguram os cornos, amarrem-lhe as patas e levem-no e dividam-lhe a carne e vendam-na no talho, podem embebedar-se dois ou três dias com o dinheiro do finado, esse bicho enteiriçado e grosso, sem majestade alguma, que sangrava e que sangrava ainda.*” (Auto dos Danados, pp. 303-306)

“Assim deitado na cama, naquela postura e com aqueles olhos baços e moles, aparentava-se ao cadáver de um novilho em que uma ocasião, a passear com a minha mãe e a minha prima de que ninguém fala nunca, por vergonha de que uma mongolóide a parisse, tropeçámos entre o rio e a colina do castelo, um novilho com os dentes de leite dos cornos despontando, coberto de moscas de asas cruzadas e desses repugnantes vermezinhas brancos que a terra segrega, a aparecerem, a retorcerem-se e a desaparecerem no interior da carcaça, um novilho desprezado pelos cães, de cigarro na boca, a coçar o umbigo e a conversar comigo. Qual é o nome desta cidade, Ana? (...) O meu marido despira-se, e encontrava-se, agora nu sobre o lençol, como o novilho nas ervas junto ao rio. Lagartas e moscas entravam-lhe e saíam-lhe do corpo fedorento. O hálito do Guadiana assobiava nas gretas do moinho. A minha mãe, a minha prima e eu observávamos assustadas os arcos das costelas, recheados da lama dos pulmões. Um homem passou a vinte metros de nós, com uma cesta ao ombro. (Auto dos Danados)

“[...] pensou ele (...) a relinchar (...). Sacudiu as crinas e os músculos dos flancos (o suor do lombo luzia) e dirigi-me a trote, na direcção da janela: (...) os cascos tremiam no tapete (...) uma das ferraduras desfez o calorífero metálico engastado na parede (...) A cauda raspava na porta, as narinas aspiravam acidamente o ar, o pescoço agitava-se, frenético, para

um lado e para o outro: - Chega-te para lá - pediu a mulher -, deu-te de repente a chonezisse hoje? (...) apoiei os cascos nos azulejos da parede (...) e no instante de a empalar, de um só golpe, de baixo para cima, com toda a raivosa força concentrada do seu corpo, viu no espelho uma imagem difusa de cavalo, com um penacho no topo da cabeça como os animais do circo. - Hop - gritava o pai fazendo estalar o chicote -, hop, hop. - E ele pulava os obstáculos numa obediência aplicada, girava sobre si próprio, empinava-se, regressava. Abotoou a braguilha, envergonhado, e tornou ao quarto para mudar a camisa encharcada.” (Explicação dos Pássaros, pp. 101-102)

“[...] e o meu ansioso peso de homem no seu peito, ela apanhou o relógio de mostrador quebrado e **eu vi os dedos que seguravam a base de mármore aumentarem de tamanho, vi o braço no ar, vi a sua repentina careta de vingança, vi os ponteiros aproximarem-se na lenta rapidez das catástrofes**, e logo a seguir um gosto diferente na boca” (Auto dos Danados, p. 231)

“**Os seios das mulheres afiguravam-se-me maiores do que o costume, as línguas enormes, os incisivos da dimensão de chifres, os risos insuportáveis.** Uma bomba de estrelinhas rebentou-me a um metro dos ténis e saltei para trás arrastando a minha tia para uma espécie de desvão, no interior do qual o vendedor do boné de xadrez bebia de uma garrafa de bagaço, refastelado, de pernas afastadas, num banquinho de lona.” (Auto dos Danados, p. 209)

“A criatura jovial principiou a subir à manivela a cabeceira da cama, como os tipos de farda azul que esticam a mesa alemã para os exercícios de saltos. **O laço teso de goma, do avental, vibrava-lhe no rabo à laia de uma asa de borboleta aprisionada.**” (Explicação dos Pássaros, p. 15)

“O velho acabou o pão e permaneceu estupidamente imóvel a mirar o fogareiro cujas brasas morriam, cada vez mais pálidas, na sombra quadrada do alpendre, despedindo faisczinhas moribundas. Um fio líquido castanho escorria-lhe devagar do canto da boca enquanto escarafunchava os dentes com o mínimo numa aplicação de saca-rolhas. O rapaz bêbado hesitou: as luzes intermitentes da boíte acendiam-lhe a apagavam-lhe alternadamente a cara, o cabelo em desordem, a camisa rasgada em que faltavam botões.” (Explicação dos Pássaros, p. 224)

“Aproximou-se da janela, espreitou para fora : uma mulher de avental depenava uma galinha na rua (a cabeça do bicho, dependurada, oscilava ao ritmo sem ritmo dos seus puxões), dois cães, instalados nas patas traseiras, contemplavam-na de longe numa avidez submissa. Os edifícios das Amoreiras vogavam, desgovernados e feios, na neblina: cidade de merda, porque não me piro enquanto é tempo?

– O almocinho – gritou uma criatura jovial, de tabuleiro metálico nos braços : canja, pescada cozida com grelos, uma pêra, um pires ao contrário a proteger o copo de água.” (Explicação dos Pássaros, p. 15)

“Uma vendazinha à beira da estrada, um balcão corrido, algumas mesas e cadeiras, frascos de rebuçados, um homem gordo, perdido na incomensurável extensão da tarde, a afugentar as moscas com um pano imundo. Por detrás de uma cortina de pauzinhos, uma velha, inclinada para um alguidar de plástico, descascava batatas, Um cão amarelento e humilde, de olhos turvos de

ramelas [Q], hesitava à porta [E] dobrando delicadamente uma das patas dianteiras como um mínimo ao pegar na chávena de chá [E]. [i] O homem gordo veio a coxear, de esguelha, até nós [i].” (Explicação dos Pássaros, p. 36)

“Tirei as pílulas da algibeira [E] e alinhei-as na mesa: [E] [E] seis cilindrozinhos embrulhados em papel de prata, com o nome impresso a azul, na embalagem [E]: [Q] os dedos da Mafalda avançaram de imediato [Q] numa espécie estranha de sede, [E] a cara modificou-se [E], [Q] as pupilas aumentaram, [Q] [E] qualquer coisa de repugnante e ávido alastrou no rosto dela [E]. Quietinha, aconselhei eu a cortar a carne, quietinha que por enquanto pertencem-me. [Q] A mão parou e ficou a tremer [Q], [Q] de cigarro nas unhas [Q], [Q] a dois palmos da droga [Q]. [Q] Um pedaço de cinza descolou-se e tombou no papel [Q]. [i] A dama loira largou o cão no sobrado [i], com desmedidos cuidados, e [E] o animal ergueu de imediato a pata traseira e urinou-lhe a perna. [E]” (Auto dos Danados, p. 41)

“A ria começou a entrar lentamente no seu sono do mesmo modo que duas vozes se misturam: ao princípio era apenas a lagoa desalmada e imóvel da água, a língua saborosa da areia, os pinheiros estilhaçados na névoa, os barcos raros e a cidade ao longe imprecisa como os olhos dos cegos, mas depois os pássaros, as gaivotas e os patos e as aves sem o nome do Vouga invadiram-lhe as pernas e os braços, devoraram-lhe as ameixas podres dos testículos, arranharam-lhe com as patas o interior da barriga, pousaram-lhe nos ombros, nos rins e nas costas, debicaram-lhe o sonho confuso em que se debatia (a mão chocava um ovo enorme, com ele e as irmãs lá dentro, enquanto jogava as cartas com as amigas), e quando a primeira revoada lhe penetrou, gritando, na cabeça, acordou com sensações de naufragos de espuma dos ossos, e um gosto de limos na boca aberta por um grito sem som. Os lençóis da cama flutuavam devagar na direcção da varanda, algas dispersas dançavam na almofada, um peixe transparente escapou-se-lhe, a pestanejar as barbatanas, de entre as coxas, e sumiu-se na gaveta da cómoda, no meio das camisas e das cuecas.” (Explicação dos Pássaros, p. 194)

“A minha bata substituiu-se por uma camisola de riscas, o consultório transformou-se no cenário de papel de uma rua de Paris, com candeeiros, árvores e pontes desenhadas a carvão, e a torre Eiffel e o Moulin Rouge e o Vaticano e todos os monumentos possíveis da Europa por aqui e por ali. Avancei para ela, afastei-me numa pirueta, tornei a avançar, e era Gene Kelly quem dançava, ao ritmo da orquestra, na alcatifa do consultório, pulando caixas de pensos, evitando as gargalhadas das próteses, rodopiando degraus de contraplacado para um Sena de celofane, iluminado por holofotes coloridos, no qual ancoravam barcaças de ripas, oscilavam quiosques e insígnias de cafés, e ao fundo, perto da janela, um corpo de baile de empregados de mesa, de bandeja e avental, e de prostitutas a girarem as carteiras de verniz, desenhava uma coreografia complicada entre Versailles e o Museu do Prado.” (pp. 26-27)

BIBLIOGRAFIA

OLIVEIRA, Anabela Dinis Branco de (2004), “O romance polifónico na mesa de montagem”, *Actas do IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*. vol. III - Literatura e Outras Artes, Universidade de Évora, (CD-ROM-ISBN 972-778-072-5).

(2004), “*Explicação dos Pássaros* de Lobo Antunes e Cinema: Relações perigosas, incestuosas ou um casamento de estranhos costumes?” *Dedalus - Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, nº 9, pp. 53-74.

(2004), “Paralelismos da montagem paralela” *Revista de Letras*, série II, nº3, Dezembro de 2004, pp. 151-161.

(2005), “António Lobo Antunes, Bob Fosse e... a montagem paralela”, *Fórum Media – Revista do Curso de Comunicação Social do ISPV*, nº7/8, pp. 9-16.

(2007), “Montagem : alquimia de cineastas e escritores” *Vinte e Um por Vinte e Um – Revista da Escola Superior Artística do Porto*, nº 3, 2007, pp. 87-95.

(2007), *Entre Vozes e Imagens – a presença das imagens cinematográficas nas múltiplas vozes do romance português (anos 70-90)*, Porto, Edições Pena Perfeita.

(2008), “Lições de Montagem: pedaços de película e... de papel”, *O Cinema e as Artes ou as Artes no Cinema*. Escola Superior Artística do Porto. ISBN: 978-972-8784-26-3.

(2009) “Serão os pássaros de António Lobo Antunes hitchcockianos?” em PEREIRA, M et all, *Transversalidades: Viagens/Literatura/ Cinema*. Col. Hespérides, Literatura, Universidade do Minho.

(2009) “Não entres tão depressa nesse plano! A presença do cinema em António Lobo Antunes” in TORRES et all, *Não vi o livro mas li o filme*. Ed. Húmus, Lisboa 2009.

(2009) António Lobo Antunes: la Splendeur du Cinéma (2007), Colloque International António Lobo Antunes et le Livre Total, Université de Paris III (Sorbonne Nouvelle, 5 de Abril) – no prelo

(2009) - António Lobo Antunes, “Tratado das Paixões Cinematográficas”, *Da Galiza a Timor A lusofonia em foco, Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Universidade de Santiago de Compostela, 2005, Universidade de Santiago de Compostela Publicacións, vol. II, pp. 1177-1186.

SOUSA, Sérgio (2000), *Relações Intersemióticas entre o Cinema e a Literatura - A adaptação Cinematográfica e a Recepção Literária do Cinema*. Universidade do Minho.